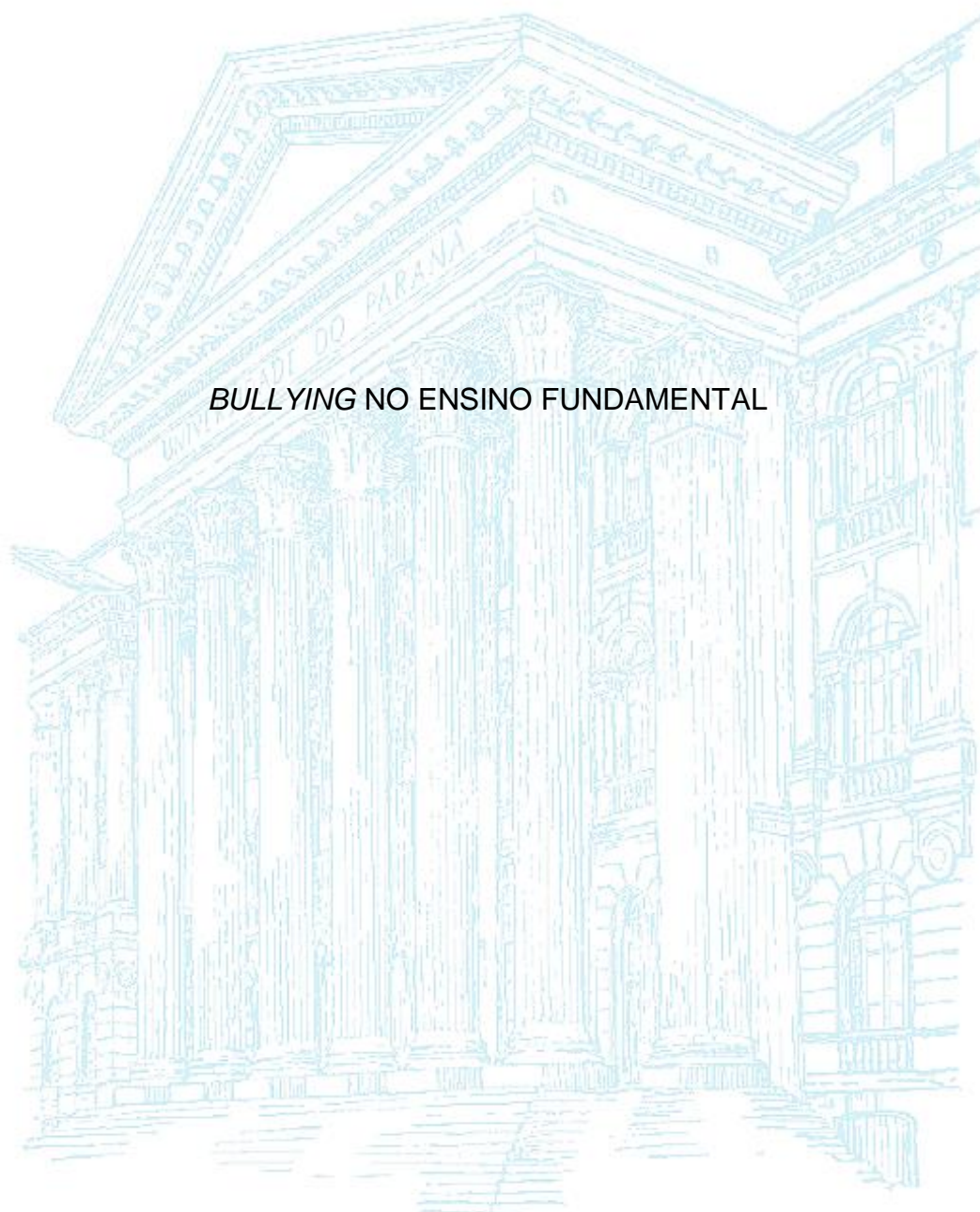


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ILAUDIRCE MARIA BRAVO



BULLYING NO ENSINO FUNDAMENTAL

ITAMBÉ
2016

ILAUDIRCE MARIA BRAVO

BULLYING NO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Fabiana Gomes de Azevedo

Co-Orientador. Clóvis Wanzinack

ITAMBÉ
2016

BULLYING NO ENSINO FUNDAMENTAL

Ilaudirce Maria Bravo¹ ; Fabiana Gomes de Azevedo²

¹Pedagoga UEM; E-mail: ilaudircebravo@hotmail.com

² Especialista em Literatura Brasileira e História Nacional e Especialista em Educação Especial Inclusiva – UFPR Litoral. E-mail: fabianagomesfga@gmail.com

Resumo: Este artigo é resultado de pesquisa realizada com a finalidade de analisar a ocorrência de *bullying* no Ensino Fundamental I e quais as principais atitudes dos alunos e analisar as atitudes dos professores e da direção da escola em relação ao *bullying*. Para tanto foi aplicado um questionário para os alunos para conhecimento das ocorrências, frequências e quais seriam as melhores formas de se combater esse fenômeno e como este interfere no processo ensino aprendizagem. O estudo demonstra que os alunos não são unânimes com relação às atitudes diante dos fatos ocorridos, mas quando conseguem procurar ajuda com os colegas e principalmente com o professor e direção/coordenação da escola são prontamente atendidos e seus problemas com o *bullying* são amenizados e/ou extintos. Também se constatou a necessidade de se habilitar o professor para atuar ao verificar casos considerados como prática do *bullying*, uma vez que a pesquisa demonstrou que para os alunos buscam nele auxílio para solucionar o problema.

Palavras-chave: Alunos; *Bullying*; Ensino Fundamental; Professor

Abstract: This article is the result of research conducted in order to analyze the occurrence of bullying in primary school and what are the main attitudes of students and analyze the attitudes of teachers and the school board in relation to bullying. Therefore a questionnaire was administered to students to knowledge of occurrences, frequencies and what are the best ways to combat this phenomenon and how it interferes in the learning process. The study shows that students are not unanimous regarding the attitudes of events, but when they can seek help with colleagues and especially with the teacher and guidance/coordination of the school, they are promptly attended and their problems with bullying are minimized and/or extinguished. Also was found the need to enable the teacher to act when checking cases considered as bullying, since research has shown that students seek their aid to fix it.

Key-words: Students; Bullying; Primary School; Teacher

INTRODUÇÃO

O *bullying* é um problema que pode ocorrer em praticamente qualquer lugar onde as pessoas interajam, tais como escola, faculdade/universidade, família, mas pode ocorrer também no local de trabalho e entre vizinhos. Segundo Camargo (2010) há escolas que não admitem a ocorrência do *bullying* entre seus alunos, ou desconhecem o problema ou se negam a enfrentá-lo. Esse tipo de agressão

geralmente ocorre em áreas onde a presença ou supervisão de pessoas adultas é mínima ou inexistente. Estão inclusos no *bullying* os apelidos pejorativos criados para humilhar os colegas, agressões físicas, ameaças, fofocas, subtração de objetos/dinheiro, entre outros.

O termo *bullying* parece ser frequente somente no ambiente escolar, “isso não é verdade. Ele sempre existiu, apenas não havia sido estudado e nomeado como é hoje.” (MEIER; ROLIN, 2013, p.14). Mas os alunos, com uma frequência muito maior, estão mais envolvidos com o *bullying*, tanto como autores quanto como alvos, o *bullying* também ocorre e se distingue, principalmente, como método de exclusão ou difamação. Quando não há intervenções eficazes, o espaço escolar torna-se totalmente corrompido. Todas as crianças são afetadas, passando a experimentar sentimentos de ansiedade e medo.

Pereira (2002, p. 26) menciona que as crianças vítimas de *bullying* possuem dificuldades para uma autodefesa e que, normalmente, são ansiosas, amedrontadas e com falta de confiança ou, ainda, na maioria das vezes, são crianças isoladas por não possuírem habilidades de socialização. Conforme se observou nos casos já apresentados, estas são, geralmente, as características das pessoas que sofrem o *bullying*.

De acordo com Calhau (2010) e Chalita (2008), a forma direta é mais praticada pelos agressores do sexo masculino, que utilizam geralmente a força física e as atitudes são insultos, apelidos ofensivos por um longo período de tempo, comentários racistas, agressões físicas (tapas, empurrões, chutes), extorsão de dinheiro, etc. O *bullying* indireto é mais praticado pelas meninas que utilizam sobretudo, os ataques morais como espalhar fofoca, inventar mentiras, entre outras atitudes que têm como objetivo levar a vítima ao isolamento social. As diferenças entre *bullying* praticado pelos meninos e pelas meninas não significa que são sempre dessa forma.

Os protagonistas do *Bullying* são: o agressor, aquele que pratica ou vitimiza o mais fraco, geralmente pessoa agressiva e que não se adapta às normas; a vítima, a pessoa que sofre o ataque e que apresentam algum tipo de vulnerabilidade, baixa autoestima, insegura e com poucos amigos; os espectadores, pessoas que presenciaram a agressão e nada fazem, muitas vezes, por temer em se transformar em novas vítimas; e os incentivadores, aqueles que apesar de não participar

ativamente da agressão, eles fomentam e incentivam a agressão. (WANZINACK, 2014, p. 69).

Existe outro tipo de protagonista do *Bullying* é o alvo/agressor, segundo Bignotto (2014, p. 115)

...estudos demonstram que 20% dos autores também sofrem *bullying*, e esses necessitam de atenção especial por parte dos profissionais da área de saúde mental, pois apresentam uma combinação de autoconceito prejudicado e atitudes agressivas e provocativas que indicam que se utilizam da prática do *bullying* com prováveis alterações psicológicas. Sintomas depressivos, pensamentos suicidas e distúrbios psiquiátricos são mais encontrados nesse grupo. (BIGNOTTO, 2014, p. 115).

De acordo com Antunes (2010), as consequências do *bullying* podem ser comportamentais, emocionais e sociais e a curto e longo prazo, podendo ser: ansiedade e depressão, baixa autoestima, queixas físicas e psicossomáticas, suicídios e efeitos na vida adulta.

Fatores como dor física, psicológica e emocional, exclusão, desejo de vingança, depressão entre outros, segundo Wanzinack, (2014) são sentimentos causados que podem se estender por toda vida, causando danos à autoestima e diversas fobias. Podem também ocasionar desinteresse pela escola causando a evasão escolar.

De acordo com Miranda e Dusi, (2015, p. 18) a expressão *bully* é traduzida como valentia e força, a pessoa que é vítima tende a se afastar do convívio social por meio de ameaças ou intimidação, que são cravados como espetos na autoestima e pode levar a consequências terríveis na forma de outras violências como o homicídio ou suicídio. Afirma, ainda, que o *bullying* pode se iniciar o Ensino Fundamental, ou ainda mais grave, na Educação Infantil.

Essa prática é muito comum e acontece em qualquer instituição e pode acabar sendo uma agonia para os alunos que é vítima de *bullying* frequentar a escola, pois causa dor, angústia e sofrimento tanto físico como psicológico. Para Lopes Neto (2005, p 3):

A escola é de grande significância para as crianças e adolescentes, e os que não gostam dela têm maior probabilidade de apresentar desempenho insatisfatório, comprometimentos físicos e emocionais à sua saúde ou sentimentos de insatisfação com a vida. Os relacionamentos interpessoais positivos e o desenvolvimento acadêmico estabelecem uma relação direta, onde os estudantes que perceberem esse apoio terão maiores possibilidades de alcançar um melhor nível de aprendizado. Portanto, a aceitação pelos companheiros é fundamental para o desenvolvimento da

saúde de crianças e adolescentes, aprimorando suas habilidades sociais e fortalecendo a capacidade de reação diante situações de tensão (LOPES NETO, 2005, p.3)

Como reconhecer se uma criança é vítima do *bullying*, de acordo com Berti (2010), deve-se observar a queda no rendimento escolar e a introspecção da criança, muitas vezes não percebidas pelos pais também, por acharem que a criança é tímida ou por desconhecerem o *bullying*. É importante divulgar sobre o assunto a toda comunidade escolar para que pais e alunos saibam as atitudes a serem tomadas quando este mal atingir suas casas. E que saibam também como agir, pois, os pais e os amigos são fundamentais para que a criança aprenda a se defender do *bullying*.

Miranda e Dusi dizem ainda que:

A insegurança e o sentimento de impotência diante das provocações desencadeiam uma verdadeira bola de neve, um ciclo que pode e deve ser interrompido por meio de ações eficazes, acolhedoras, afetivas e eminentemente educativas para todos os integrantes do processo. (MIRANDA E DUSI, 2015, P. 18)

Em se tratando de gênero, Santos (2007) afirma que as meninas são raramente autoras do *bullying*, os autores do sexo masculino predominam, já como vítimas não há diferença, pois ambos os sexos servem de vítimas. As garotas são mais discretas quando cometem as agressões, na maioria das vezes é através de boatos, exclusões e sussurros, o que não diminuem o sofrimento e a mágoa e também causam consequências emocionais como as agressões físicas e verbais.

De acordo com Santos (2007), o professor deve transmitir para os alunos a importância de ter respeito pelas diferenças e ser mediador dos conflitos construindo um ambiente de amizade e companheirismo, interferir de maneira coerente nas brincadeiras de mau gosto, não permitindo que situações de *bullying* aconteçam em sala de aula. Ainda segundo o autor, o professor de um lado tem o dever de transmitir o papel ético, que envolve a importância do respeito mútuo, do diálogo, da justiça e da solidariedade e os alunos o papel de entender e cooperar com as ações do professor.

É necessário também a escola informar a professores e alunos sobre o que é o problema e deixar claro que o estabelecimento não admitirá a prática. É necessário que os professores trabalhem frequentemente a autoestima dos seus alunos, valorizando e respeitando sua autonomia, evitando comentários pejorativos

e evitando devolver as atividades e provas feitas pelos alunos em ordem de nota decrescente, pois atitudes como essas causam constrangimento e gozações entre os alunos.

Miranda e Dusi (2015) apresentam ainda, uma receita medico-educacional para se trabalhar e combater o preconceito e discriminação: “Uma dose de tolerância; gotas periódicas do colírio da compreensão; analgésico do respeito à diversidade; xarope adocicado da comunicação eficaz; vitamina diária de autoestima; uma medida do antitérmico da mediação de conflitos; vacina da educação para a paz e a cidadania”. Entendendo assim que a escola, como espaço de manifestação e compartilhamento da diversidade, apresenta-se como um lugar privilegiado de atuação diante da realidade social e de cidadania. Por isso, todos que compõem a escola, junto com as famílias devem assumir o compromisso, sem exceção, de praticar o respeito, a tolerância, que só nascem quando se entende que normal é ser diferente.

Meier (2013), afirma que os profissionais de educação quando descobrem os casos de *bullying* na escola têm, em geral, a certeza de que o agressor deve ser responsabilizado por suas ações e eles estão certos quanto a isso, mas erram quando resumem suas ações somente a punições. O autor da agressão também mostra sinais de que algo não está indo bem, que sua necessidade de mostrar poder nada mais é do que uma atitude típica de insegurança e baixa autoestima. Os profissionais de educação não tem outra opção que não seja o auxílio a esses alunos que estão clamando por ajuda também.

Segundo Bignotto (2014, p.122), o *bullying* é um assunto complexo e delicado e é necessário um trabalho contínuo pela comunidade escolar. Alguns procedimentos simples podem ser adotados para favorecer a solução do problema, incluindo a discussão no cotidiano escolar como tema transversal em todos os momentos e fases da vida escolar e também a formação de grupos de apoio que protejam as vítimas e auxiliem na solução de situações e *bullying* na escola.

O envolvimento de professores, funcionários, pais e alunos são fundamentais para a prevenção e redução dos casos de *bullying*. A participação de todos visa estabelecer normas, diretrizes e ações coerentes. As ações devem priorizar a conscientização geral; o apoio às vítimas, fazendo com que se sintam protegidas; a conscientização dos agressores sobre a incorreção de seus atos e a garantia de um ambiente escolar sadio e seguro.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

O objetivo geral é contribuir positivamente para os envolvidos direta e indiretamente no problema no contexto escolar, podendo despertar um olhar diferenciado diante dos casos de *bullying*.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar como os educadores tratam o tema *bullying*;
- Verificar o conhecimento inicial dos educandos sobre o que é o *bullying*, tipos de agressões, incidência, agressores, vítimas e testemunhas;
- Conhecer o processo de intervenção nas escolas;
- Verificar se as estratégias utilizadas para solucionar os casos de *bullying* têm resultados positivos;

METODOLOGIA

A metodologia científica utilizada para o levantamento dos dados contidos no presente estudo é a Pesquisa Qualitativa, tendo como estudo de caso o seu foco principal, com o objetivo de analisar o conhecimento e prática de *bullying* entre os alunos e as ações das professoras de Ensino Fundamental na prevenção e combate ao *bullying*. O principal instrumento da pesquisa é o pesquisador, pois é ele quem tem o contato direto com a realidade a ser pesquisada. O trabalho de campo dessa

pesquisa será realizado numa escola de pequeno porte, que abrange o ensino fundamental e localiza-se na região Noroeste do Estado do Paraná.

Em reunião com a direção e coordenação pedagógica, foi definido que a pesquisa seria realizada com duas turmas do 5º Ano Matutino, num total de 48 alunos, porém os alunos deveriam participar voluntariamente. A escolha das turmas usou como critério o fato de que esses alunos estudam há mais tempo na escola, por isso já presenciaram e vivenciaram as relações estabelecidas na escola. Foram marcados dia e horário para que a pesquisa fosse realizada e após a apresentação da pesquisadora, os motivos da pesquisa e os questionários individuais foram distribuídos.

Os dados para essa pesquisa serão obtidos mediante observações realizadas pela pesquisadora e por questionários respondidos pelos alunos participantes.

É importante saber que a pesquisa não pretende acabar com as discussões sobre o bullying no ambiente escolar e sim contribuir na elaboração de ações e propostas que venha auxiliar no combate desse tipo de violência.

A escolha dessa metodologia surgiu da vontade de encontrar um método para trabalhar com os alunos sobre o tema *bullying*. O *bullying* é tema relevante e preocupante em qualquer lugar, é frequente o temor de consequências futuras e isso motivou a vontade de descobrir maneiras de prevenir e analisar a ação do professor na prevenção do *bullying*, se suas ações podem prevenir o *bullying* e algumas atividades que possam ser trabalhadas, onde a educação deve ser a melhor maneira e o melhor remédio para este mal. O respeito pelo próximo deve prevalecer em qualquer situação e é na escola que precisa ser retomado e praticado.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O objetivo do estudo foi analisar o conhecimento dos alunos sobre o *bullying*, suas estratégias e atitudes para o combate desse fenômeno que circula nas escolas. O estudo foi realizado em uma escola pública do Noroeste do Estado do Paraná. Foram entrevistados alunos do 5º Ano Matutino, todos se propuseram a participar da pesquisa. Em sua maioria formada por meninos.

As consequências do *bullying* podem ser graves e para toda a vida. Segundo Smith (2008), independentemente do potencial de inteligência, alunos com

problemas de comportamento ou traumas emocionais tendem a ter fracasso na escola e na vida adulta. A identificação e o atendimento precoce são necessários, visto que os problemas de comportamento podem se agravar caso não ocorra um diagnóstico e intervenção eficiente. Sem intervenção os problemas tendem a persistir e a se manifestar na vida adulta.

Todos os alunos disseram que sabe o que é *bullying* e metade deles disseram que foram vítimas de algum tipo, nesse último ano. Foram empregados apelidos generalizados e agressões verbais em forma de brincadeira. Os alunos relataram que, muitas vezes, uma situação violenta é consequência de uma brincadeira que sai do controle dos envolvidos. Os alunos afirmaram, ainda, que é muito difícil para eles estabelecer as diferenças e limites entre brincadeiras e agressões. Os maus tratos entre colegas no ambiente escolar se manifestam, principalmente, na forma de agressões verbais (xingamentos, apelidos, insultos e ameaças), muitas vezes interpretadas pelos próprios alunos envolvidos como brincadeira. Acontecem com maior frequência na sala de aula e no pátio do recreio, espaços da escola com boa visibilidade e nos quais o controle da violência entre alunos, por parte de professores e funcionários, deveria ser mais eficiente.

Quanto aos alunos vítimas do *bullying* ficou evidente que acarretam algum sofrimento como medo, angústia e em alguns casos, alunos que não queriam mais frequentar a escola. A prática de *bullying* tem causado sofrimento e desorganização na vida dos educandos, causando afastamento do aluno do restante da turma.

Os alunos que foram vítimas se dividiram em relatar como reagiram às agressões. Enquanto alguns ficaram calados e esperaram que a fase passasse, alguns resolveram contar para a professora, a coordenação/direção ou aos pais. A intervenção da escola trouxe em sua maioria melhoria ou até mesmo a extinção do *bullying* entre os entrevistados. Poucos relataram que a situação piorou, de agressões verbais passaram a agressões físicas, causando maior sofrimento e constrangimento. Para alguns deles somente com a intervenção dos pais é que foi amenizado ou extinto o *bullying*. A escola, bem como os alunos, pode reagir ao ataque do *bullying* de várias maneiras. Muitos repudiam as ações dos agressores quando presenciam as situações de constrangimento, todavia outros nada fazem para intervir com medo de se tornarem a próxima vítima. Alguns apoiam essa prática com risadas e consentindo com as agressões

Segundo Lopes Neto (2005), as pessoas acabam por assumir diferentes papéis como os que participam ativamente da agressão, os que incitam e estimulam o autor (incentivadores), os que observam ou se afastam (observadores) e os que buscam proteger a vítima ou buscam algum tipo de ajuda (defensores).

Os alunos disseram que o sentimento com relação às pessoas que praticam o *bullying* é um misto de pena e raiva, pois não gostam de ver os colegas sendo agredidos e tem como reação agir em defesa do colega, intervindo com palavras e, às vezes, com atitudes mais bruscas. Se o caso for de agressão física, a maioria deles se declaram que também atacam para defender o amigo agredido, pois consideram o agressor como o maior culpado pelo que esta acontecendo. Alguns alunos declararam que consideram os pais os culpados pelos filhos que praticam o *bullying*, pois a falta de educação, segundo eles, gera filhos inconsequentes.

Foram poucos os alunos que admitiram que praticam *bullying* com os colegas e aos que assumiram praticar disseram que foi esporadicamente e usaram apelidos e xingamentos como forma usual. Chutes e pontapés também foram citados como forma de agressão. Os que praticaram *bullying* disseram estar arrependidos do que fizeram, apesar de que, na hora, consideraram as vítimas merecedoras do castigo.

Entre os agressores, observa-se um predomínio do sexo masculino, enquanto que, no papel de vítima, não há diferenças entre gêneros. O fato de os meninos envolverem-se em atos de *bullying* mais comumente não indica necessariamente que sejam mais agressivos, mas sim que têm maior possibilidade de adotar esse tipo de comportamento. Já com as meninas ocorre de forma mais sutil, daí a dificuldade de identificar se o *bullying* ocorre ou não. As meninas costumam praticar a violência de forma indireta, por meio de boatos maldosos, exclusões do grupo, entre outros.

Os autores do *bullying* geralmente são populares na escola, tem tendências a se envolver em conflitos e mostrar-se agressivo inclusive com os adultos. Muito impulsivo e vê o seu comportamento como uma qualidade. De acordo com Lopes Neto (2005), são menos satisfeitos com a escola e a família, mais propensos ao absenteísmo e à evasão escolar e têm uma tendência maior para apresentarem comportamentos de risco (consumir tabaco, álcool ou outras drogas, portar armas, brigar, etc)

Sobre os aspectos comportamentais e emocionais dos entrevistados observa-se que existem padrões de sentimentos diferentes entre meninos e meninas ligados às situações de maus tratos. Eles tendem a afirmar que levam na brincadeira, não dão importância ou acham engraçado, enquanto elas afirmam que se sentem mal, ficam magoadas, tristes e choram.

Conhecer a realidade da escola - conscientização - e assumir o compromisso de intervir nos problemas – comprometimento - são os dois passos decisivos para começar a abordar a questão da violência em uma escola: primeiro, portanto, a conscientização, e segundo, o compromisso (FANTE, 2005. p.97).

A maioria dos alunos disse estarem dispostos a ajudar a combater o *bullying* no ambiente escolar, algumas sugestões como campanhas e projetos foram sugeridos, bem como a participação mais efetiva dos pais na escola. Admitiram que é melhor viver em paz com todos os colegas da escola, sem agressões e brigas.

Para Fante (2005 p. 151) “é essencial criar hábitos solidários e, aos poucos, a criança vai aumentando sua autoestima e se integrando à escola, conquistando a confiança necessária em si mesma e adquirindo habilidades para defender-se”.

Os professores têm dificuldades para identificar as manifestações do *bullying*, pois os alunos evitam expor os problemas por entenderem que nada pode ser feito para ajudá-los. O ambiente escolar é apresentado por Fante (2005, p. 209) como um possível veículo redutor do fenômeno *bullying*, pois pode ensinar os alunos a trabalhar com a situação, despertando o equilíbrio e a superação de lidar com suas emoções, seja em estado de repressão ou agressividade, valorizando a tolerância e a solidariedade entre os alunos.

Rodrigues (2003, p. 83) assegura que há uma necessidade de que os professores identifiquem as experiências de vida dos alunos, em busca de promover a compreensão da realidade e de sua vida em sociedade. O autor, ainda destaca a importância de ajudar os alunos a promover o desenvolvimento da autonomia, permitindo a sua socialização com uma autodefesa contra possíveis agressões e a criticidade sobre os fatos que o envolve, formação essa, capaz de assegurar a adaptação do aluno no ambiente social.

A pesquisa demonstra que não só a direção da escola e os professores, mas todos os envolvidos com a comunidade escolar devem ter a iniciativa na preparação e execução de projetos que visem diminuir o sofrimento de crianças e adolescentes. O *bullying* não pode ser ignorado, nem continuar sendo encarado como

“brincadeira”. As implicações deste ato na vida dos alunos justificam a necessidade de se adotarem providências urgentes, investindo na formação moral e ética dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo sobre o conhecimento dos alunos sobre o *bullying*, se existem vítimas e autores e como cada aluno reage diante dos acontecimentos cotidianos. As informações obtidas através de entrevista e conversação com os alunos produziu informações relevantes sobre o fenômeno *bullying* na escola de Ensino Fundamental. Poucos alunos que se disseram vítimas declararam que nada fazem para combater essa violência, a maioria deles se defendem e/ou contam o que acontece para um adulto, em especial, para as professoras. A intervenção das professoras produziu efeitos satisfatórios e a violência foi amenizada na maioria dos casos. O que não descarta a possibilidade de se preparar melhor o responsável pela Escola seja com treinamento e/ou cursos para melhor identificação e combate ao *Bullying* na Escola. Ao preparar os profissionais da educação para lidarem com as manifestações do *bullying*, poderíamos contribuir para que o ambiente escolar se transforme em um local menos violento, possibilitando aos alunos o equilíbrio e a superação de lidar com suas emoções, seja em estado de repressão ou agressividade, valorizando a tolerância e a solidariedade entre os alunos.

O comportamento de *bullying* precisa ser identificado pelos profissionais e, em conjunto com a família, desenvolver ações para atender às solicitações de ajuda, tanto das vítimas quanto dos agressores, de modo a tornar a escola um espaço propício ao desenvolvimento das competências e habilidades sociais, como a assertividade. Sugerem-se novos estudos a fim de investigar exatamente quais medidas estão efetivamente sendo tomadas pelos diretores e profissionais da educação no ambiente escolar para combate ao *bullying*.

Um ponto de relevância foi que as maiorias dos alunos disseram que nunca praticaram *bullying*, que repudiam as pessoas que o praticam e que se dispõem a defender as vítimas dos agressores. Segundo Berti (2010), o *bullying* é o mal que acomete nossas crianças de forma mais drástica e violenta. Somente na escola,

desde os anos iniciais até os mais altos níveis de graduação, é que se podem proteger os alunos do mal que os cerca no ambiente que deveria ser o mais saudável e satisfatório de suas vidas estudantis.

A última parte do trabalho foi o incentivo a participação dos alunos no combate ao *bullying*, com demonstração de interesse em participar de campanhas para conscientização e a não praticar *bullying* com os colegas. Todos concordaram que o sofrimento alheio incomoda e não é agradável de presenciar o sofrimento do colega.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, D. C. **Bullying: razão instrumental e preconceito**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

BERTI, A. L. BERTI, V. L. **Bullying: conhecer o problema é a melhor forma para controlar este mal**. Disponível em: < <http://www.faesi.com.br/nucleo-de-pesquisa-cientifica/75-portal-do-saber/230-bullying-conhecer-o-problema-e-a-melhor-forma-para-controlar-este-mal> >. Acesso em 16.jul.2015.

BIGNOTTO, M.M. **O Bullying**. In: LIPP, M.(org). **O adolescente e seus dilemas: Orientação para pais e educadores**. [Livro Eletrônico]. Campinas, SP: Papyrus, 2014. 8.451Kb: PDF. Disponível em: <http://cesumar.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788544900239/pages/5>. Acesso em 24.set.2015.

CALHAU, L.B. **Bullying: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão**. 2 ed. Niterói, RJ: Impetus. 2010.

CAMARGO, O. "**Bullying**"; *Brasil Escola*. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/sociologia/bullying.htm>>. Acesso em 23 de setembro de 2015.

CHALITA, G. **Pedagogia da amizade**. Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores. São Paulo: Gente. 2008.

FANTE, C. Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2 ed. Campinas: Verus, 2005.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*. v.81.n.5, 164-172p, 2005.

MEIER, M. **Bullying sem blá - blá - blá**./ Marcos Meier, Jeanine Rolim, - Curitiba: InterSaberes, 2013.

MIRANDA, S. DUSI, M. **Previna o Bullying: Jogos para uma cultura de paz.** Campinas, SP: Papirus, 2015. 82p.

PEREIRA, Beatriz Oliveira, **Para uma escola sem violência – estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças.** Lisboa: Dinalivro. 2002.

RODRIGUES, Neidson, **Por uma nova escola: o transitório e o permanente na educação.** 13 ed. São Paulo. Cortez, 2003.

SANTOS, L. P.R . **O papel do professor diante do bullying na sala de aula.** Disponível em:<
<http://www.fc.unesp.br/upload/pedagogia/TCC%20Luciana%20Pavan%20-%20Final.pdf> >. Acesso em 14.jul.2015.

SMITH, D. D. **Introdução à Educação Especial.** 5ªed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

WANZINACK, C. **Bullying e Cyberbullying: Faces Silenciosas da Violência.** In: SIERRA, Jamil Cabral; SIGNORELLI, Marcos Claudio (org). **Diversidade e Educação: intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia.** Matinhos: UFPR Litoral, 2014.